

Os lugares das jornalistas gordas na televisão: possíveis implicações para a formação de jornalistas¹

Anelise FRUETT²

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de Mestrado e apresenta análises de duas notícias publicadas na internet sobre jornalistas televisivas gordas, de diferentes veículos, que viraram notícia por diferentes circunstâncias. As matérias convidam às indagações: como determinados corpos de telejornalistas são, desde a graduação no Ensino Superior, excluídos do alcance das lentes das câmeras do Telejornalismo? A pesquisa tem o aporte dos Estudos Culturais e articula os conceitos de corpo, currículo e diferença ao campo da educação.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; corpo; currículo; educação; estudos culturais.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe análises qualitativas e interpretativas de efeitos relacionados à publicação de duas notícias na internet sobre jornalistas televisivas gordas, de diferentes veículos, que viraram notícia por diferentes circunstâncias. Pense-se aqui na atuação profissional do jornalista como uma forma de materialização da formação acadêmica, a fim de relacionar os casos com certas implicações sobre o currículo de formação dos futuros jornalistas.

Quando um aluno ingressa num curso de graduação, encantado com todas as novidades que lhe aguardam, é natural que busque identificar-se com os modelos de profissionais que lhe oferecem. Ao iniciar meus estudos em Jornalismo, no ano de 2009 em uma grande universidade privada do Rio Grande do Sul, a vaga ideia que tinha sobre o fazer jornalístico me parecia atraente. Fui fisgada por uma crença de que ser jornalista era viver escrevendo histórias incríveis, criando sentido para as coisas que estavam acontecendo, preenchendo os espaços vazios no dia a dia com novos significados. Logo que se iniciaram as disciplinas práticas pude ver que cada área (impresso,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: anelisefmachado@gmail.com.

telejornalismo, radiojornalismo, jornalismo digital e fotojornalismo) tinha suas peculiaridades, suas “formas de atuação”, diferentes formas de ser jornalista. Compreendi que o significado de forma³ como “configuração física, característica dos seres e das coisas, como decorrência da estruturação das suas partes; formato, feição” ou ainda “estado físico sob o qual se apresenta um corpo, uma substância” era muito mais concreto do que se poderia imaginar. A forma física se antecipava às diferentes formas ou áreas de atuação, delimitando antes um formato do que o conteúdo.

Recordo com nitidez as aulas de telejornalismo, talvez porque a partir da performance física dos colegas ficasse mais evidente o estranhamento que sentia com relação a algo que parecia abstrato, encoberto, e que para mim afirmavam que eu não “pertencia” àquele grupo, ao modelo hegemônico, a uma atuação objetiva, imparcial e padronizada que eram ensinadas em sala de aula, afirmadas através da exibição de telejornais produzidos por turmas anteriores e fornecidas como subsídio para a repetição do modelo do que se esperava da nossa performance em frente à câmera. Em uma das aulas de exercício de bancada fui espectadora de uma situação que me marcou com relação a forma física do jornalista. Iríamos gravar um telejornal e precisávamos escolher quem seriam os âncoras. Dentre os candidatos, uma colega “gordinha” se destacava pela performance espontânea frente à câmera. Ela tinha a voz segura, na minha avaliação, umas das melhores dicções da sala de aula. Além disso, era “fotogênica”, pontuava as frases com expressões faciais bonitas, naturais. Me parecia lógico que ela seria a melhor candidata a apresentar o jornal. Para meu espanto: foi escolhida outra colega mais magra, mais “pequeninha”, mais dentro dos padrões estéticos hegemônicos para apresentar. Não porque era mais habilidosa que a outra, mas porque tudo indicava que o lugar da gordinha na televisão jamais seria no primeiro plano.

Dado este breve relato de introdução ao tema, explico as referências teóricas que fundamentarão a discussão aqui proposta: Tese de Doutorado defendida em 2015 por Marcia Veiga da Silva, intitulada *Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade*; o livro *Documentos de Identidade*, de Tomaz Tadeu da Silva, que trata da teoria do currículo; a Tese de

³ Definição encontrada a partir de pesquisa no Google por “Forma significado”. Busca realizada em 14/04/2017. Ressalta-se que esse não é um conceito teórico, funcionando apenas como balizador de sentido.

Doutorado defendida em 2006 por Maria Paula Sibilia, intitulada *O pavor da carne*; e o texto *Obeso benigno, obeso maligno*, de Claude Fischler. O presente texto tem como objetivo lançar um primeiro olhar analítico sobre o tema apresentado, que é parte de uma pesquisa de Mestrado em andamento. As análises baseiam-se em aportes dos Estudos Culturais.

2. DE QUE JORNALISMO FALAMOS

Pensa-se aqui no jornalismo como uma profissão mediada pelas relações de poder, disciplina e vigilância instituídas na cultura. Em específico, trataremos da cultura brasileira, cenário onde ocorreram as notícias sobre as quais falaremos adiante. Serão articulados os conceitos de diferença, currículo e corpo a fim de buscar conexões com a formação acadêmica e atuação profissional do jornalista.

No movimento oscilante de aderir e resistir às formas idealizadas de corpo, assistimos muitas vezes a transformações corpóreas de jornalistas televisivos ao longo de suas carreiras. Recentemente, o apresentador Fausto Silva perdeu cerca de 30 quilos. Em entrevista⁴ ele comenta sobre o assunto: “As bailarinas agora estão felizes, porque eu vou emagrecer, vai sobrar mais espaço e elas vão aparecer mais”.

Ele não é o único na Rede Globo, Renata Capucci, Patrícia Poeta (que não era gorda, mas recentemente perdeu 10 quilos), Renata Ceribelli, Fernando Rocha (apresentador do Programa Bem-Estar, que perdeu mais de 20 quilos desde que entrou no programa), até o apresentador Jô Soares, que se consagrou com o bordão “beijo do gordo” perdeu mais de 40 quilos. Será isso uma exigência da emissora que deseja eliminar a imagem dos gordinhos da televisão? Entretanto as notícias que analisarei na próxima seção são de jornalistas de outros veículos, tidos como inferiores à Globo por menor audiência, tidos como menor valor social.

Podemos dizer que o corpo é um veículo de comunicação instantâneo. O corpo diz muito sobre o sujeito, sobre sua subjetividade, sobre seus interesses, suas crenças, valores, enfim, sobre como se vê. A disseminação midiática de corpos inexpressivos e neutros ratificam os ideais modernos de assepsia, purificação e objetividade (Sibilia, 2006). Haveria, portanto, um modelo de corpo ideal fixo para o jornalista televisivo? De

⁴ Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0..MUL1252203-9798.00-NO+DOMINGAO+FAUSTAO+REVELA+QUE+FEZ+CIRURGIA+BARIATRICA+E+DEVE+EMAGRECER.html>> Acesso em: 17/04/2017.

que forma os saberes hegemônicos estabelecidos na cultura sobre o corpo do jornalista influenciam na credibilidade dos profissionais televisivos, para que tantos jornalistas gordos da Rede Globo tenham emagrecido nos últimos anos?

Em sua exposição, Silva (2015) argumenta que o jornalismo é “um lugar de poder e saber cuja tarefa é a de produzir conhecimentos acerca dos acontecimentos do mundo através de discursos, qualificados como expressões máximas do que é verdadeiro” (p. 16) e que, portanto, a profissão influenciaria diretamente em nossos modos de experimentar o mundo, de perceber e lidar com o outro, com o diferente ou semelhante.

Entender a forma como o jornalista é habilitado para o exercício da profissão pode nos dizer não apenas sobre a sua identidade profissional, como também sobre os tipos de sujeitos que resultam de uma formação específica. Pode indicar as formas como a realidade poderá ser observada, pois os conceitos de uma teoria organizam e estruturam nossa forma de ver a realidade (SILVA, 2015, p. 17).

Mais adiante Silva (2015) explica que essas lentes são compostas por enquadramentos que se relacionam diretamente com os paradigmas, métodos e conceitos (como a autora destaca, políticos) e que assim se estabeleceriam as arestas da profissão. Ainda sobre a mesma questão, Silva (2015) utiliza-se dos conhecimentos de Meditsch para destacar a questão da dicotomia entre a teoria e a prática do Jornalismo, concluindo que “a não formulação de teorias que se originem da reflexão sobre a prática acaba resultando em fracassos, tanto na constituição do campo como ciência quanto nas práticas efetivas da profissão e seu papel social” (p. 66).

Onde Silva chegará é na questão da teoria do currículo, na delimitação política que se dá na seleção do que se pode conhecer - as lentes pelas quais esses profissionais percebem e narram a realidade. Segundo a autora, as teorias do currículo trazem importantes contribuições a respeito das delimitações políticas, elementos que dimensionam as escolhas teóricas e metodológicas nas universidades. Uma espécie de dispositivo de poder, que seleciona o que se pode aprender/conhecer como jornalista. Na compreensão de Silva, o currículo estaria diretamente relacionado às possibilidades de identidades (seja de sujeito ou profissional). Por isso, faz sentido falarmos de currículo ao problematizar a imagem do obeso na televisão.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, autor muito citado na tese de Silva (2015), o currículo tem como função organizar e hierarquizar os saberes, a fim de modificar os

sujeitos que o seguirão. “O conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (SILVA, 2010, p. 15 apud SILVA, 2015, p. 63). Contudo, o autor aponta para outra complexidade: o paradigma que perpassa a prática e os currículos é um paradigma moderno-positivista: “o currículo existente é a própria encarnação das características modernas. Ele é linear, sequencial, estático. Sua epistemologia é realista e objetivista. Ele é disciplinar e segmentado. [...] No centro do currículo está o sujeito racional, centrado e autônomo da Modernidade” (SILVA, 2010, p. 115 apud SILVA, 2015, p. 64). E que, conforme o autor, não seria mais compatível com a experiência da pós-modernidade.

No capítulo *Diferença e identidade: o currículo multiculturalista*, de *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*, Tomaz Tadeu da Silva articula o conceito de diferença para aprofundar as problemáticas curriculares. O autor utiliza o cenário de produções culturais estadunidenses veiculadas por todos os meios de comunicação de massa para afirmar que a diversidade cultural é “fabricada” através de um “instrumento de homogeneização”. E que o conceito de diferença está intrinsecamente relacionado a uma forma de poder ambíguo, que seria uma das características dos processos culturais pós-modernos.

O chamado ‘multiculturalismo’ é um fenômeno que, claramente, tem sua origem nos países dominantes do Norte. O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante. (SILVA, 2015, p. 85)

Segundo Silva (2015), na concepção pós-estruturalista, a diferença seria abordada mais como um processo linguístico e discursivo, não fazendo sentido fora dos processos de significação. Neste contexto o autor explica que:

A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser ‘diferente’ de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada

precisamente como ‘não diferente’. Mas essa ‘outra coisa’ não é nenhum referente absoluto, que existia fora do processo discursivo de significação: essa ‘outra coisa’, o ‘não diferente’, também só faz sentido, só existe, na ‘relação de diferença’ que opõe ao ‘diferente’. (SILVA, 2015, p. 87)

Em concordância, o autor argumenta que é através das relações de poder que a diferença é avaliada, por meio da comparação com o “não diferente” (o hegemônico) e facilmente é associada a ideia de negativo. Relacionando à questão do currículo, o autor alega que as formas como os currículos universitários são instituídos formalizam como “cultura comum” a cultura do grupo dominante. Na tentativa de se atender “às minorias” culturais, se estabelecem como políticas de currículo a inclusão de amostras de diversas culturas subordinadas. Afirmam-se como positivos discursos sobre tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas “diferentes”, o que segundo o autor é mais uma forma de poder ambíguo.

Silva (2015) defende o pensamento de que o caminho não é a reunião de diferentes culturas no currículo, “mas de uma luta em que regras precisas de inclusão e exclusão acabaram por selecionar e nomear uma cultura específica, particular, como a cultura nacional comum” (p. 89).

3. OS CORPOS QUE SE CONFIGURAM À TEVÊ

A seção a seguir utilizará os textos “Obeso benigno, obeso maligno” de Claude Fischler e da tese “O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo” de Maria Paula Sibilía para subsidiar a análise de duas notícias sobre jornalistas gordas publicadas na internet.

Segundo Sibilía (2006), os saberes sobre corpo se intensificaram na modernidade, pela ascensão dos estudos científicos, experimentos médicos com o intuito de investigar formas de “ortopedizar os corpos a fim de adequá-los aos modos de vida urbano exigido pelo capitalismo industrial” (p. 22). Segundo Sibilía (2006),

Hoje o corpo se apresenta como a grande âncora da subjetividade, no turbilhão de um capitalismo que exorbitou o consumo (tanto de produtos e serviços como de identidades e outros bens simbólicos), e no auge do individualismo propulsado pelas benesses da livre escolha no mercado universal. Nesse ambiente confuso e mutante, é na superfície corporal onde cada um exhibe as suas verdades. Essa ênfase nas

aparências corporais emerge como uma característica marcante da nossa época, e são imensas as implicações desse deslocamento do foco. Pois a crescente proeminência do aspecto físico complementa um outro fenômeno igualmente relevante no mundo atual: a crise da interioridade subjetiva. (SIBILIA, 2006, p. 23)

O conhecimento que se tem é de que uma das cicatrizes do capitalismo industrial são os transtornos da obesidade mundial. E como diz a autora, a obesidade está sufocando a fome. Em contraponto, se fortalecem discursos - bastantes modernos - sobre o ideal de corpo, que enfatizam práticas bio-ascéticas de regimes, procedimentos cirúrgicos e rituais de purificação que envolvem sofrimento, tempo e dinheiro.

Sabe-se que, para uma porção crescente da população mundial, o aspecto visual do próprio corpo se converteu em causa de aflição. Com os modelos cada vez mais exigentes que se impõem e proliferam por toda parte, a aparência corporal de cada indivíduo tem grandes chances de ser inadequada, além de reclamar investimentos constantes que serão sempre insuficientes. Essa mistura de insatisfação e obsessão pode desembocar em consequências funestas, como a submissão compulsiva aos modelos ideais irradiados pela mídia, a estigmatização daqueles que se desviam desses mandatos, e a proliferação de transtornos vinculados à imagem corporal. Enfim: o corpo parece ter se tornado uma fonte inesgotável não só de prazeres e sensações, mas também de preocupações, infortúnios e constrangimentos. É por isso que o corpo contemporâneo está presente o tempo todo, não cala jamais, inclusive naqueles momentos em que seria mais prudente e produtivo que a sua presença se aquietasse, permanecendo solapado em um segundo plano para permitir a ação criativa e vital dos sujeitos no mundo. Mas esse corpo tão ruidosamente onipresente da atualidade recusa o seu feliz esquecimento, inibindo um saudável descolamento da autopercepção que, ao contrário, insiste em se centrar — literalmente — no próprio umbigo. (SIBILIA, 2006, p. 37)

O corpo contemporâneo, conforme a autora, apresentaria outros significados para o dualismo de alma-corpo da modernidade. Segundo Sibilialia (2006) a “*essência* de cada sujeito estaria na informação que o faz ser quem realmente é” (p. 26). A ideia defendida está aludindo a uma metáfora digital, da busca pela imaterialidade, do corpo como imagem, como um complexo canal de comunicação com o mundo, que já não

atua somente nos sentidos de percepção conhecidos, mas um corpo que pode ser facilmente editado, transformado e que busca ser cada vez mais etéreo e digital. Sibilia (2006) explica que:

De acordo com algumas das narrativas mais pregnantes do imaginário contemporâneo, a carne pode (ou até mesmo deve) ser trabalhada como uma imagem. Pois uma de suas principais funções é, precisamente, a de servir de cartão de visita para expor a própria subjetividade: o que se deseja exibir a respeito de si. E numa era na qual as diferenças entre aparências e essências parecem se desvanecer (pois só é quem e como aparece), o caráter se torna externo e cada um passa a ser aquilo que mostra de si. (SIBILIA, 2006, p. 44).

Por este motivo a autora enfatiza a importância da performance na relação com o corpo, a busca da subjetivação corpórea como uma forma de se diferenciar, afirmar em meio a uma massa heterogênea. Contudo,

[...] o corpo humano não parece ter se libertado das dolorosas amarras que ao longo dos tempos o confinaram. Ao contrário, novas e mais poderosas forças socioculturais emergem dispostas a escravizá-lo, apesar da diversidade e da riqueza das experiências subjetivas, e de todas as estratégias individuais ou coletivas que sempre desafiam tais tendências. (SIBILIA, 2006, p. 41).

Haveria uma forma mais correta que outra de corpo, que se sustentasse nas problemáticas pós-modernas? A autora conclui que os saberes sobre o corpo contemporâneo seguem regidos por normas e rigores, explicados por Foucault, provenientes da vigilância e da moral. Que as mudanças trazidas pelo novo paradigma apontam para uma cultura do superficial, pondo em crise os questionamentos psicológicos sobre a vida interior e enfatizando a imagem corpórea como instrumento de subjetivação. Segundo Sibilia, nos tornamos prisioneiros das aparências inatingíveis da imagem digital.

Na argumentação de Fischler (1995), que se mantém centrada em discutir significações de obesidade na cultura, o autor defende que há uma ambivalência na obesidade, que classificaria determinados corpos como benignos e outros como malignos. Fischler (1995) questiona o posicionamento destas marcações, destes limites que diferenciariam um gordo bom de um mau. Ele indaga se estas marcas estariam presentes no peso, na corpulência, no comportamento ou se seria algo subjetivo presente no olhar do observador?

Fischler (1995) descreve o estereótipo da obesidade benigno como sendo a representação do gordinho simpático, extrovertido, carismático, que lembraria a imagem do bufão. Segundo o autor o “gordinho bom” possuiria credibilidade para atuar em certas profissões, como político, cozinheiro e relações públicas que demandam o exercício de suas qualidades na performance. Já a imagem do obeso maligno seria vista como doentia, mórbida, do indivíduo que viola as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho, o esforço e o controle de si. É alguém que come mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: mais do que a sua parte” (p.74). O obeso maligno é o glutão, que é gordo porque não respeita a divisão dos alimentos, porque é perverso e animalesco (Fischler, 1995). Então, o autor pergunta se os gordos (bom e mau) teriam culpa sobre os significados que lhes são atribuídos? De que forma estas compreensões se estabeleceriam na cultura? Através exclusivamente das representações midiática em novelas, filmes, literaturas? A seção seguinte se propõe a refletir sobre estas significações na mídia televisiva, mais especificamente, no telejornalismo.

4. AS JORNALISTAS GORDAS QUE VIRARAM NOTÍCIA

A primeira notícia aqui analisada foi publicada no site *televisao.uol.com.br*⁵, em 11 de julho de 2014. É uma entrevista com a jornalista Fabíola Gadelha, apresentadora do programa *Cidade Alerta*, exibido aos sábados na *Record*. O título da matéria já nos dá os primeiros indícios para analisar: *Sou gordinha, mulher e fujo das regras*”, diz repórter aposta da *Record*. O título já diz muito. Sugere que o significado de ser simultaneamente gordinha e mulher é fugir das regras na televisão, ainda mais no jornalismo policial, no qual a apresentadora atua.

⁵Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/11/sou-gordinha-mulher-e-fujo-das-regras-diz-reporter-aposta-da-record.htm>> Acesso em: 17/04/2017.

No texto da notícia, Fabíola diz que foi seu *estilo diferente* que conquistou o público e despertou o interesse da Record. A apresentadora reconhece-se como diferente (subentende-se que o comparativo seja com relação as formas tidas como “normais”, o modelo hegemônico.)⁶ “Os telespectadores viram em mim uma pessoa que é gente como a gente. Não emagreço, sambo se quiser, faço o que me dá na telha e ainda boto para cima do bandido”. O que Fabíola parece denunciar é um *status* jornalístico de superioridade com relação ao seu público, de que o profissional que se exhibe na televisão é inatingível, vendido como uma embalagem comercial, que precisa ser bonita, *parecer* interessante, seduzir o telespectador através de uma boa aparência (que atualmente se traduz em corpo saudável). E que a apresentadora Fabíola Gadelha se identificaria como diferente, por fugir dessas representações, por acionar outros códigos em sua performance: códigos de humor, escárnio, usando a sua imagem “inadequada” como forma de sátira, deboche ou em outra perspectiva, humilhação e diversão ao público.

Retomando à exposição teórica de Fischler (1995), Fabíola é personificação do obeso benigno, que é cativante, aceito socialmente não pela sua gordura, mas pela sua simpatia, pela forma bem-humorada que lida com o seu “defeito”. De certa maneira se submetendo a um sistema, não dos padrões estéticos que ditam a magreza, mas a outra rede de significações que também parecem normatizar os saberes sobre a gordura, conforme apontam Fischler (1995) e Sibilia (2006). Ao que se indica, para ser gordo e estar em evidência na televisão é necessário se assumir como “diferente”, é preciso aceitar certa inferioridade, deixar que usem a sua imagem como forma de entretenimento, por mais doloroso seja.

⁶ Como o objetivo deste artigo não é se aprofundar no que é esse tal padrão hegemônico, muito mencionado pelos teóricos citados anteriormente, deixarei em aberto, me detendo a analisar os discursos que se dizem “diferentes”, não convencionais, portanto, não hegemônicos.



Imagem 1: Foto reproduzida na matéria com a seguinte legenda *Apelidada de Rabo de Arraia, Fabíola também é motivo de piada no quadro Aquém do Peso no Cidade Alerta. A repórter diz que ama as brincadeiras do apresentador Marcelo Rezende.*

Como diz a legenda, Fabíola é alvo de piada por outro apresentador que a apelidou de “Rabo de Arraia” e criou o quadro “Aquém do Peso” para satirizar a corpulência da jornalista. A violência sobre a imagem da apresentadora fica implícita, escondida no bom humor, no discurso sustentado pela própria jornalista de que “ama as brincadeiras”, de que não se importa.

A segunda notícia, veiculada em 08 de junho de 2016 no site *extra.globo.com*⁷, tem o seguinte título: *Repórter do EXTRA é vítima de gordofobia e interrompe entrevista ao vivo para desabafo*. A matéria relata o caso da jornalista Samanta Vincentine, que durante transmissão ao vivo no *Facebook* do Jornal, foi ofendida diversas vezes enquanto mediava uma entrevista. Como descreve a notícia:

*Samanta foi chamada de “gorda”, “gorducha” e “leitoa” por um homem que não teve constrangimento em se auto intitular “gordofóbico”. A repórter pediu licença para a entrevistada e respondeu: “Gordo não é ofensa. Isso aqui é só embalagem. Falta de caráter é pior do que gordura”, disse.*⁸

Diferentemente de Fabíola, na notícia anterior, as ofensas à Samanta foram explícitas, não ficaram encobertas em tom de piada, tiveram nitidamente o intuito de agredir, de afirmar um discurso de ódio durante a exibição ao vivo da reportagem. A jornalista desabafou sobre o caso em sua rede social⁹:

⁷ Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/reporter-do-extra-vitima-de-gordofobia-interrompe-entrevista-ao-vivo-para-desabafo-19465036.html> Acesso em: 14/04/2017.

⁸ Os trechos das notícias analisadas serão inseridos no texto em espaço simples, itálico, dentro de um quadro, para diferenciar das citações bibliográficas.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/savicientini/posts/10206190478937269> Acesso em: 14/04/2017.

Hoje aconteceu um negócio meio chato, então eu queria contar uma historinha. Um cara me chamou de "gorda", "gorducha", "leitoa" e ainda completou com "odeio gorda" e "sou gordofóbico", enquanto eu entrevistava uma convidada em uma das transmissões ao vivo que faço no Jornal Extra. Foi a primeira vez que isso aconteceu e confesso que fiquei sem reação na hora. Mas, vem cá, eu sei que sou gorda, sabe? Tenho espelho em casa. eu sei o tamanho de roupa que uso. Sou uma mulher de 1,80 e sei que não sou pequena e estou longe de ser "Gisele". Por um segundo eu me importei, confesso. Fiquei triste, sim, apesar de saber que sou gorda, mas isso é uma característica do meu corpo, não define quem eu sou. Mas, eu tenho um sério problema de autoestima e isso mexeu comigo. Porque é assim: eu sou gorda mas isso só tem que incomodar EXCLUSIVAMENTE a mim, sabe por quê? É o MEU corpo. EU que tenho que falar dele quando e como EU quiser. Aí, naquele segundo em que fiquei triste, me senti ridícula. Me senti inapropriada e toda aquela insegurança que me perseguia - e que sempre lutei contra - afloraram. No segundo seguinte me dei conta de onde estava e o que estava fazendo. Porra, meu trabalho é legal pra caralho! Todos os dias recebo um montão de mensagens de leitores do Extra que falam que as entrevistas são legais, que são esclarecedoras, que as pautas são bacanas. Imediatamente vários leitores que estavam acompanhando entraram em minha defesa com muito carinho. E, por isso, eu agradeço de coração. Eu tinha duas opções: ficar quieta e ignorar ou dar uma leve pausa na transmissão e responder ao vivo. Se tem uma coisa que o feminismo me ensinou é: não ficar calada. Sabe por quê? Porque eu não estou sozinha. Eu pedi licença para a minha convidada e falei o que eu acho, que foi mais ou menos o que escrevi acima, mas de forma resumida. E o jogo seguiu e a entrevista foi superlegal! Pode me chamar de gorda à vontade. Isso é só o meu corpo e eu sei que, por enquanto, ele é gordo mesmo, mas eu posso emagrecer. Agora, pra falta de caráter, ainda não inventaram remédio.

Vamos sublinhar alguns trechos do desabafo de Samanta que nos interessarão analisar: o primeiro onde ela se compara corporalmente de forma inferior a modelo Gisele Bündchen. O que se pode analisar é que através da comparação novamente se reitera a ideia de diferença e negatividade, sustentado com relação a um padrão normalizador de beleza. Não podemos dizer que a beleza da modelo é a representação mais significativa entre a população de mulheres do mundo, mas que é, sim, vendida como aquela desejada, e isso se dá principalmente através da mídia televisiva. Logo adiante, Samanta conclui o motivo da incursão de Gisele a sua fala: [que a gordura] “é uma característica do meu corpo, não define quem eu sou”. Onde se quer chegar, é na questão: até que ponto o corpo define ou deixa de definir quem *somos*, o lugar social que ocupamos?

Como defende Sibilia (2006), o corpo é como uma âncora da subjetividade, por se tratar de subjetivação, em uma análise superficial já podemos constatar que vai em direção contrária ao que se ensina no campo do jornalismo, a respeito dos critérios éticos da profissão que prezam a neutralidade, objetividade, impessoalidade. A gordura seria uma marca subjetiva muito visível para ficar em primeiro plano – ainda mais na

televisão. Em uma sociedade que cultua a imagem perfeita, a imagem digital, o padrão Gisele, assistir uma gorda na televisão é como um afrontamento aos valores hegemônicos. É também uma forma de resistência, que por resistir ora recebe violência explícita, ora implícita. Ora é motivo de piada, ora é motivo de agressão gratuita. Parecendo afirmar que há algo que perpassa a questão curricular na profissão, em especial no meio televisivo. Algo que não é explícito, mas um padrão normativo de corpo estabelecido na cultura da mídia televisiva.

Entre as possíveis implicações destes atos de violência contra a exposição de corpos de jornalistas obesas na televisão está a própria falta de discussões sobre os corpos no telejornalismo, como parte do currículo de formação dos jornalistas. O calar-se sobre o tema contribuí para a naturalização de determinadas formas físicas que reforçam um entendimento de que há tipos de corpos mais corretos que outros para a atuação na televisão, consecutivamente afetando nas decisões que são tomadas ao longo da vida acadêmica. Estes saberes que ficam implícitos e que parecem ser alheios ao currículo, também dizem muito sobre como compreendemos a “diferença” em nossa cultura: como algo a ser apagado e gradativamente uniformizado, normalizado.

O processo de invisibilização da diferença ou a docilização dos corpos no telejornalismo vai desde os Manuais de Telejornalismo aos corpos dos estudantes, futuros profissionais do Jornalismo. Formam-se e cristalizam-se crenças sobre o significado de estar em frente às lentes das câmeras do Telejornalismo: por exemplo, o corpo exposto do jornalista precisa se conformar aos padrões estéticos vigentes em uma dada cultura.

Contudo, saliento que a marca da obesidade é apenas uma das múltiplas marcas da diferença que são historicamente apagadas dos corpos visíveis no exercício do Telejornalismo. Podemos citar, entre tantos exemplos, o caso da jornalista da Globo, Maria Júlia Coutinho, que foi vítima de comentários racistas, na página do Facebook do Jornal Nacional. Podendo-se afirmar que, assim como a obesidade, o corpo racializado-étnico também é alvo de regulações na prática do Telejornalismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se diz popularmente, a tevê engorda, e se a cultura prega como ideal a magreza, quem pode atuar na televisão? A resposta parece óbvia. Quem não se submete ao ritual de sacrifício e purificação para alcançar o corpo ideal é excluído ou humilhado.

Neste cenário, onde fica o lugar da gordura na televisão? No humor, no divertimento, no sarro, na performance do obeso benigno, em formas simbólicas ou explícitas de violência, especialmente contra a mulher. Ser jornalista gorda na contemporaneidade é ser alvo de piada ou ofensa. A atuação profissional pode ser vista com um reflexo da forma como o jornalismo vem se estruturando. Se no currículo acadêmico não fica explícito um modelo um corpo para a televisão, mas regula reiteradamente através da exclusão de determinados corpos, pode-se afirmar, conforme apontado pelos autores mencionados, de que há formas de poder que perpassam as questões curriculares, que são impostas dentro do exercício da cultura e que estão sempre buscando a manutenção de um modelo restrito.

Quando um corpo posto em imagem escapa da “normalidade” ele vira personagem de notícia: não para criticar ou defender a sua forma corpórea, mas para denunciar atos de preconceito, como foi o caso da jornalista Samanta. Novamente para afirmar que é uma “afronta” aos valores sociais uma gorda aparecer na tevê e que, portanto, ela pode ser vítima de violência a qualquer instante, tanto pelos espectadores, ou por seus próprios colegas, como foi o caso da jornalista Fabíola Gadelha, apelidada de “Rabo de Arraia” pelo apresentador Marcelo Rezende.

Os discursos formados reiteram que o lugar do indivíduo gordo não é como jornalista televisivo, mas como humorista: será sempre lembrado como gordo antes de ser lembrado como jornalista (lembremos do bordão do jornalista Jô Soares: “um beijo do gordo”). Uma das possíveis conclusões é que, por menos explícitas que sejam as normas sobre o corpo no currículo de formação acadêmica, essas normas ainda sim existem e interferem na configuração dos corpos dos profissionais atuantes no Telejornalismo. É importante enfatizar que o corpo obeso é somente uma de tantas outras marcas corpóreas que se tornam alvo de regulações no Telejornalismo Tais regulações são oriundas de complexas relações de poder, produzidas e postas em circulação na cultura, e que cultuam fortemente como corpo ideal um corpo feito para o consumo estético.

REFERÊNCIAS

FISCHLER, Claude. “Obeso Benigno, Obeso Maligno”. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

SILVA, Marcia Veiga da. “Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade”. (Tese doutorado Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2015)

SIBILIA, Maria Paula. “O pavor da carne, riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo”. (Tese de doutorado Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006)

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo. Autêntica: Belo Horizonte, 2015.